

Motivações do grafite urbano contemporâneo

Por: William da Silva-e-Silva¹

Segundo o historiador da arte, professor e pintor Jack Stewart no início da década de 1970 surgem em Nova York, os sujeitos Kool Wiff, King Kool 163, Super Kool 223, Soul e Tracy 168. Soma-se a esta lista Taki 183, Angel 136, Yanqui 135, Junior 161, Rat I, Cay 161, Joe 82, Tony 184. Do Bronx: Pearl 74, Sexy 62, Cartoon 62 e Cowboy 60. Clyde foi intitulado “king of the Buses”. “Bama I atestou a fama de Clayde: Clayde foi o primeiro a fazer bomber em ônibus.” (STEWART, 2009, p. 23). Entre os jovens que adotaram atuar sobre os ônibus estavam: o CAT 87, o Spade 130, o Snake I, o Stitich I. E “Bárbara 62 e Eva 62 foram as primeiras [...] garotas a escrever grafites no metrô de Nova York.” (Ibid., p. 49). Neste mesmo período, início da década, Stayhigh 149 lançou seu *tag* “sobre o velho carro vermelho do metrô, número 8985”. (Ibid., p. 48).

Nancy Beaulieu no texto *Sauvez mon art!* entende *tag* como “[...] uma espécie de assinatura pessoal que alguns grafiteiros afixam nas paredes tão frequentemente quanto possível.” (BEAULIEU, 2002., p. 2). Paulo Knauss é mais específico, para ele o *tag* é logomarca, e

[...] constitui a base de todo o desenvolvimento formal que evolui das soluções alfanuméricas iniciais para soluções logotípicas das letras emboladas, quase criptogramas, por vezes, adornadas com detalhes figurativos complementares ou pela tridimensionalidade. (KNAUSS, 2001, p. 335).

Segundo depoimento dado pelo grafiteiro Ota: “Tem que ter um símbolo, um logotipo que o pessoal olhe e veja: esse é o Ota, esse é o Lucas. Assinatura é a valorização da auto-estima.” (BEDOIAN e MENEZES, 2008, p. 40). Nicholas Ganz, por sua vez, considera *tags* como sendo as assinaturas chamativas do grafiteiro, que “[...] se tornaram cada vez maiores até aparecerem as primeiras *pieces* nos trens de Nova York”. (GANZ, 2008, p. 9).

Vale frisar aqui que o grafite urbano contemporâneo “nasceu” a partir do *tag*.

Em seu trabalho, Jack Stewart destaca uma das marcas do grafite urbano contemporâneo em Nova York: a criação das *masterpieces*, inscrições em grande escala. Segundo o autor, no ano de 1971, El Marko 174 pode ter sido o primeiro a realizar uma *masterpiece*. (STEWART, 2009, p. 62). Segundo Stewart, este tipo de criação se definia da seguinte forma:

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

[...] Uma *masterpiece* tinha de possuir três qualidades: grande escala, *outline letters* [cartas esboço], e decoração dentro das *outline letters*. (Ibid). Uma composição do velho metrô vermelho no verão de 1971 inicia carregado com *tags* de escritores incluindo Bop Bop Bop, Santana 204, King Kool 143, Solid, Bachelor Jin One, e Tracy 168. (Ibid., p. 54).

Durante o verão de 1973, uma nova forma de letra foi produzida por Super Kool 223: as letras *bubble*. (Ibid., p. 112). As letras *bubble* são letras cheias, de escrita volumosa.

No ano seguinte, 1974, surgiram as letras *neo-bubble*

[...] dando uma sensação de circularidade pela adição de linhas curtas no interior. (STEWART, 2009, p. 140).

Em 1974, Tracy 168 cunhou a expressão *Wild style*. [...] A expressão rapidamente se tornou um termo genérico para um estilo novo de letra que contou com formas altamente fraturadas que pareciam saltar fora, em ângulos oblíquos. (Ibid., p. 116).

Nomes de forte presença em 1977 foram Mono, Doc, lee, e Iz. Nessa época, Tracy e Blade iriam continuar a desconstruir letras no *wild style*, e alguns nomes cresceram indecifráveis para os de fora da arte, desenvolvendo a letra 3D. (STEWART, 2009, p. 116).

Passado esse momento de euforia e expansão singular daqueles que manipulavam a expressão pública por meio do *spray* o grafite experimentou uma nova fase, por volta da metade da década de 1970, caracterizada por sua entrada nas galerias de arte o que significou a sua penetração na esfera das elites econômica e social, legitimando um espaço de afirmação social para o grafite urbano contemporâneo. Na pesquisa empreendida por Jack Stewart o UGA - *United Graffiti Artists* - invade o mundo das exposições abrindo o Razor Gallery em 4 de setembro de 1973. (Ibid., p. 87). Em seguida, em 1975, a UGA realiza “a primeira *grande* exposição em galeria de arte” no *Artist Space*, de Nova York. (MOCA – THE MUSEUM OF CONTEMPORARY ART).

Este percurso foi para demonstrar, a partir de exemplos, casos históricos do porquê desta prática. Quais são as motivações para criar grafites? As respostas encontradas estão:

Um, no plano prático e estratégico da opção de uma mobilidade social por meio do exercício de um ofício artístico.

Dois, no campo das subjetividades:

No livro *Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti*, de 2008, organizado pela Graziela Bedoian psicóloga e pela Kátia Menezes jornalista e mestre em Comunicação e Semiótica encontram-se algumas entrevistas realizadas com grafiteiros paulistas, por exemplo, Pastore e Ota. Os depoimentos destes interventores urbanos resume sob a autoridade dos agentes sociais algumas funções do grafite urbano contemporâneo: demarcar território;

socializar os artistas; e resignificar o espaço da cidade. A assinatura na parede é a valorização da auto-estima. (BEDOIAN e MENEZES, 2008, p. 40).

“Mais do que os signos, propriamente ditos, interessa a relação, a ponte, a mediação, [o desafio,] a pressão do risco de ser apanhado pela polícia. [...] E a necessidade de sociabilidades alternativas.” (PAIS, 2004, p. 15).

Transcedem necessidades de representar nos muros conflitos sociais compartilhados por sujeitos inseridos em diferentes locais do mundo, por exemplo: “OREM POR SOMÁLIA...” foi uma escritura urbana realizada nas ruas do Rio de Janeiro, foto de 2006. A frase pede a participação do observador para atos de preces com propósito de obtenção de auxílio divino. O sujeito que assina a obra o BOBI pertence a *crew* POSSE 471, é brasileiro, mas pede a favor de um país localizado no continente africano, terra longe daqui, consumida pela fome, doenças, massacres e muitos outros tipos de miséria que levam sofrimento à população pobre nativa. (SILVA-E-SILVA, 2011, pp. 96-97).

Forma de citação: SILVA-E-SILVA, William da. História e motivações do grafite contemporâneo. *Revista Nuevamérica (Buenos Aires)*, v. 1, 2015. ISBN: 03256960

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

STEWART, Jack. *Graffiti kings. New York city mass transit art of the 1970s*. New York: Abrams, 2009. Tradução nossa.

BEAULIEU, Nancy. *Sauvez mon art!* 2002. Disponível em: <<http://www.ql.umontreal.ca/volume10/numero8/culturev10n8c.html>>. Acesso em: 21.11.2007.

KNAUSS, Paulo. Grafite Urbano Contemporâneo. In: TORRES, Sônia (org). *Raízes e rumos – perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001, p. 335.

BEDOIAN, Graziela; e MENEZES, Kátia. (orgs). *Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti*. São Paulo: Peirópolis, 2008, p. 40.

GANZ, Nicholas. *O mundo do grafite. Arte urbana dos cinco continentes*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 9.

MOCA – THE MUSEUM OF CONTEMPORARY ART. Graffiti art. Los Angeles. Disponível em: <<http://www.moca.org/pc/viewArtTerm.php?id=15>> Acesso em: 26.09.2012.

PAIS, José Machado & BLASS, Leila Maria. *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

SILVA-E-SILVA, William da. *Graffitis em múltiplas facetas: definições e leituras iconográficas*. São Paulo: Annablume, 2011.